



Aspectos do Discurso Radiofônico – A Entrevista¹

Nair Prata²

Uni-BH (Centro Universitário de Belo Horizonte) e UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais)

Resumo

Um dos mais legítimos representantes da linha francesa da Análise do Discurso, Patrick Charaudeau tem trabalhos que promovem uma interface importante nos estudos entre a lingüística e a mídia. No livro *Aspects du discours radiophonique* – uma coletânea de textos de diversos autores – Charaudeau escreve um artigo especificamente sobre a entrevista, onde discute temas importantes como definição de gênero, condições languageiras de produção e características discursivas. O objetivo do presente texto é comentar, com base na literatura sobre o tema, os tópicos apresentados por Charaudeau.

Palavras-chave

RÁDIO; ENTREVISTA; GÊNERO, PATRICK CHARAUDEAU

Para uma reflexão a respeito do texto de Charaudeau acerca da entrevista no rádio é importante, em primeiro lugar, retomarmos uma breve biografia do autor. Patrick Charaudeau é francês, doutor em Ciências da Linguagem, professor da Universidade de Paris XIII e coordenador do CAD (*Centre d'Analyse du Discours*) - um instituto que se destaca pelas produções e pesquisas acadêmicas. Aqui no Brasil, juntamente com a Universidade Federal de Minas Gerais, coordena o projeto CAPES/COFECUB, para a pesquisa em Análise do Discurso.

Um dos mais legítimos representantes da linha francesa da Análise do Discurso, Charaudeau tem trabalhos que promovem uma interface importante nos estudos entre a lingüística e a mídia, como “*Aspects du discours radiophonique*” (objeto de análise desse trabalho), “*Les médias, un manipulateur manipulé*”, “*La télévision et la guerre*”, “*La pathémisation à la télévision comme stratégie d'authenticité*”, “*La médiatisation de l'espace public comme phénomène de fragmentation*”, “*La parole confisquée. Un genre télévisuel: le talk show*”, “*Le discours d'information médiatique: la construction du miroir social*”, entre muitos outros.

O livro *Aspects du discours radiophonique* é uma coletânea de textos de vários autores, organizados por Charaudeau. Os diferentes estudos que compõem a obra foram extraídos das comunicações apresentadas no “Primeiro Colóquio do Centro de Análise

¹ Trabalho apresentado ao NP 06 – Rádio e Mídia Sonora, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Jornalista, Mestre em Comunicação (Universidade São Marcos-SP), Doutoranda em Lingüística (UFMG), professora do curso de Jornalismo do Uni-BH (Centro Universitário de Belo Horizonte). nairprata@uol.com.br



do Discurso sobre o Discurso Radiofônico”, realizado em Paris, nos dias 5 e 6 de novembro de 1983. Na introdução do livro Charaudeau lembra, no entanto, que o assunto é amplo e alerta: “evidentemente, não era o caso cobrir o conjunto dos aspectos do tema no âmbito dessas duas jornadas”.

Os textos são agrupados em três partes. A primeira parte refere-se mais particularmente ao estudo das condições de produção e de escuta da mensagem radiofônica, ou seja, o que se produz antes e depois do produto final. Nessa primeira parte do livro, são os seguintes os autores e seus respectivos textos:

- Tudesq, J.: Apresenta uma visão de conjunto diacrônica sobre a evolução das sujeições técnicas e dos gêneros radiofônicos e sobre a mudança do estatuto dos profissionais do rádio, assim como dos ouvintes;
- Malandain, J.L.: Apresenta os resultados de uma pesquisa feita junto a diferentes emissoras de rádio, para verificar as reações sobre o direito de utilizar os documentos radiofônicos;
- Lébre, M.: Determina as características de um comunicado de agência e de um boletim de informação para estudar suas diferenças enunciativas;
- Houdebine, M.: Analisa os discursos dos ouvintes quando da escuta de uma emissão radiofônica de gênero narrativo;
- Clopeau, J. e Renouard, M.: Traçam observações sobre o circuito de produção da mensagem radiofônica, através da maneira como os profissionais se apresentam na sua prática.

A segunda parte do livro agrupa descrições diversas referentes ao estudo do produto final radiofônico:

- Mouillaud, M.: Descreve as características da apresentação de uma faixa de horário de uma emissora de rádio;
- Wenk, B. J. e Wioland, F.: Descrevem as características rítmicas da oralidade radiofônica;
- Grupo Linguagem e Sociedade (*Langage et Société*): Discute o tema economia política no discurso do rádio.

A terceira parte do livro, enfim, comporta os estudos que foram feitos ao âmbito do CAD sobre a descrição de um gênero: a entrevista.



- Charaudeau, P.: Define o gênero entrevista;
- Laroche-Bouvy: Analisa a entrevista radiofônica a partir do modelo de José Artur;
- Lérat, P.: Traça observações sobre as brincadeiras de José Artur;
- Minot, F.: Estuda os encerramentos seqüenciais;
- Berruecos, L. e Tenoux, G.: Traçam observações sobre o jogo do questionamento na entrevista;
- Bauer, C. e Fernandez, M: Discute as manifestações da competência do saber na entrevista;
- Salins, G. e Charaudeau, P.: Traçam comparações entre dois tipos de entrevistadores: José Artur e Jacques Chancel.

Nesse artigo, a opção é pelo texto de Charaudeau “Descrição de um gênero: a entrevista”, precedido pela introdução geral do livro. O texto conceitua a entrevista como gênero radiofônico e é dividido em dois tópicos, com discussão das seguintes temáticas:

- I. As condições languageiras de produção: limitações físicas e imposições discursivas;
- II. Características discursivas do gênero entrevista: a intervenção, a prova do saber e a provocação.

Nesse comentário vamos seguir as temáticas propostas por Charaudeau. Inicialmente, porém, buscamos na literatura contribuições sobre o estado da arte dos gêneros. Em seguida, discutimos os temas apresentados pelo autor.

I. ENTREVISTA: GÊNERO RADIOFÔNICO

A definição de entrevista é proposta por vários autores. Barbosa Filho (2003) explica: “a entrevista representa uma das principais fontes de coleta de informação de um jornal e está presente, direta ou indiretamente, na maioria das matérias jornalísticas” (p.93). Segundo Prado (1989), a entrevista é, dos gêneros jornalísticos, o que mais se adapta ao rádio e às características específicas do veículo. De acordo com o autor, “é uma das fórmulas mais ágeis para dar a conhecer uma informação ou para aprofundar o conhecimento dos fatos e suas conseqüências, assim como para aproximar-se da personalidade dos protagonistas das histórias” (p.57). Para Medina (1992), a entrevista é uma das principais ferramentas de trabalho de um veículo de comunicação. Segundo a



autora, há um tripé técnico que rege a feitura da notícia e que é formado pela elaboração da pauta, pela observação do real noticiável e pela entrevista. Albertos (1974) explica que a entrevista, como modalidade particular de reportagem, é uma das manifestações jornalísticas de maior aceitação popular. Segundo o autor, tudo parece indicar que os latinos sentem mais preferência pela entrevista nos periódicos e há um grande interesse pelas palavras, independentemente do conteúdo (p.110). Barbeiro e Lima (2001) lembram que, em veículos de comunicação como o rádio, a entrevista consegue transmitir emoção, fazendo o que o jornalismo impresso nem sempre consegue. Para os autores, “a entrevista no rádio é um verdadeiro duelo intelectual jornalístico com o entrevistado” (p.50). Wilby e Conroy (1994) explicam que, pela entrevista no rádio, o ouvinte tem acesso a uma ampla variedade de histórias, pontos de vista, opiniões e testemunhos de vida (p.156). Segundo McLeish (2001), a entrevista no rádio pode ser assim definida: “perguntas e respostas em benefício do ouvinte interessado” (p.43). Tramontina (1996) destaca a importância da entrevista lembrando que hoje “as relações entre quem pergunta e quem responde deixaram de ser um simples toma-lá-dá-cá” (p.13).

Albertos (1974) destaca três modalidades da entrevista: 1. Declarações de uma pessoa acerca de um tema que, no momento, tem um certo interesse coletivo; 2. Entrevista de personalidade; 3. Entrevista com fórmulas já estabelecidas. McLeish (2001) determina três tipos de entrevista e explica que, em alguns momentos, estas categorias acabam se envolvendo em maior ou menor grau: 1. Informativa: transmitir informações ao ouvinte; 2. Interpretativa: o entrevistador fornece os dados e pede ao entrevistado que os comente ou explique; 3. Emocional: dá uma idéia do estado de espírito do entrevistado, de modo que o ouvinte possa entender melhor o que ocorre em termos humanos. (p. 43-44).

Wilby e Conroy (1994) determinam quatro tipos de entrevistas no rádio: 1. Entrevistas separadas: os respondentes são entrevistados sucessivamente pelo mesmo entrevistador, ou por diferentes entrevistadores, e os entrevistados não falam um com o outro no ar; 2. Mesa-redonda: Entrevistados e entrevistador se encontram numa situação menos estruturada, numa conversação mais espontânea; 3. “*Intellectual zoo-format discussions*”³: Poderíamos dar o nome de “Arena” a esta modalidade de entrevista. É

³ Como são ingleses, os autores dão dois exemplos de programas da Rádio BBC para explicar essa modalidade de entrevista: *Midweek* e o *Loose Ends*. Segundo informações do jornalista Jäder de Oliveira, que trabalhou mais de 30 anos na Rádio BBC, o programa *Loose Ends* é apresentado aos sábados e tem duração de 45 minutos. O formato é o

similar à mesa redonda, mas o apresentador do programa não fica sozinho. Ele está acompanhado regularmente por celebridades e, juntos, entrevistam outras celebridades. É feita antecipadamente uma pesquisa para fundamentar a discussão; 4. Painel de entrevistas: é um programa regular com convidados que formam um painel, sujeitos à liderança do apresentador; as perguntas são feitas individualmente aos convidados.

No livro *Le discours d'information médiatique – La construction du miroir social*, Charaudeau (1997) explica que os tipos de entrevista se distinguem pela maneira de regulação da alternância da palavra. Assim, a entrevista de entretenimento parte do pressuposto que dois parceiros têm um mesmo estatuto e tratam de um mesmo tema com a mesma competência, com o objetivo de esclarecer uma questão. Já a entrevista de conversação não faz qualquer exigência de um estatuto para os parceiros, nem um tema específico a ser tratado, não havendo também uma competência a ser exigida, nem necessariamente um controle da tomada de turno. O terceiro tipo, que o autor chama de “entrevista em si”, exige uma diferenciação dos estatutos, onde um tem o papel de questionador e o outro de questionado com razões e condições de ser questionado. Liddicoat *et al.* (1993) determinam as três fases de um tipo particular de entrevista no rádio, a conversa do locutor com um ouvinte pelo telefone: 1. Recepção: o ouvinte é introduzido na interação no ar; 2. Mensagem: o ouvinte fala, dando a sua contribuição; 3. Despedida: a interação é encerrada e o acesso do ouvinte à discussão no ar é terminado.

Na introdução do livro *Aspects du discours radiophonique*, Charaudeau (1984) lança o desafio de se proceder a uma análise do gênero entrevista. Mas qual a importância do estudo da entrevista como gênero do discurso? Em primeiro lugar, é importante destacar que a análise dos gêneros tem-se tornado cada vez mais popular, segundo Bhatia (1997). O autor lembra que esse estudo não se restringe mais a um pequeno grupo de pesquisadores, mas tem assumido uma importância muito mais ampla do que jamais foi imaginado.

É bom lembrar que essa discussão não é recente. Num livro publicado em 1950⁴, Cordier dedica um capítulo aos *Genres et styles radiophoniques* e diz que, para se entender os gêneros e os estilos é preciso que se proceda a uma metódica classificação.

seguinte: o apresentador leva um grande nome para ser entrevistado por outros grandes nomes. O apresentador é o moderador do programa. A entrevista é feita com muito humor e o programa é divertido. Segundo o jornalista, a TV britânica também adota a fórmula. Recentemente, na campanha eleitoral, Tony Blair e os líderes dos principais partidos da oposição foram entrevistados (pelo público, num auditório), com o apresentador moderando.

⁴ CORDIER, S. *La radio – reflet de notre temps*. Paris: Les Éditions Inter-Nationales, 1950.

Cremilda Medina (1992) explica que, “para chegar ao gênero entrevista, há que ter quilômetros andados no domínio profissional dessa técnica” (p.103).

A definição clássica de Bakhtin (1992) propõe que gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados que se caracterizam por aspectos relacionados ao conteúdo, à composição estrutural e aos traços lingüísticos. O autor lembra que os gêneros são extremamente ligados aos contextos - isto é, suas condições e finalidades - nos quais estão inseridos. É por essa dependência com relação ao contexto que eles são historicamente variáveis. Swales (1990) explica que “um gênero consiste em uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos” (p. 58). Ainda segundo o autor, “estas propostas são reconhecidas por membros especializados da comunidade discursiva de origem, de modo a constituir uma lógica para o gênero” (p. 58).

Charaudeau (1984) levanta a questão sobre as relações mantidas entre o gênero (entrevista) com o suporte midiático (imprensa, rádio, televisão). Para se entender a importância do suporte na definição de um gênero é preciso lembrar que estes não são estáticos e variam de acordo com a situação comunicacional. Assim, pode-se concluir que o suporte ajuda a definir o gênero. Aliás, quando se fala em gênero, a discussão acerca do suporte torna-se essencial. Maingueneau (2000) explica: “o suporte tem um papel fundamental na emergência e na estabilização de um gênero: o aparecimento do microfone modificou profundamente o dispositivo do sermão, o telefone modificou a definição da conversação, a epopéia é inseparável da recitação oral” (p. 74).

Marcuschi (2003) diz que é preciso definir categorias e considerar aspectos limítrofes na relação gênero-suporte. Especificamente sobre o rádio como suporte, o autor explica:

Lembro o rádio como suporte pela sua relevância e por ter sido desenhado para este fim. O rádio também pode ser considerado um suporte na medida em que se toma como um lugar de fixação e não apenas como a rádio emissora ou tecnologia. Conta com uma multiplicidade de gêneros. Mas como ele conta com a transmissão sonora sem o recurso visual, certamente terá uma interferência diversa da televisão. As notícias na TV, no rádio e no jornal não têm o mesmo tipo de tratamento em relação ao discurso relatado ou reportado. Há pouco discurso direto (citações de fala) no rádio e na TV, ao passo que isso ocorre mais no jornal e na revista. (p. 11)

Partindo da premissa, determinada pela literatura, que a entrevista no rádio é um gênero jornalístico, pode-se buscar uma fundamentação em Albertos



(1974). Segundo o autor, os gêneros jornalísticos surgiram a partir da categorização dos gêneros literários, mas nasceram, fundamentalmente, para a imprensa escrita. O autor os define assim: “diferentes modalidades da criação literária (relacionadas com a informação da atualidade) destinadas à divulgação através de qualquer meio de difusão coletiva” (p. 70).

Marques de Melo (1985) explica que a primeira classificação dos gêneros jornalísticos foi feita pelo editor inglês Samuel Buckley, que decidiu pela separação entre *news* e *comments* no jornal *Daily Courant*, no princípio do século XVIII.

Albertos (1974) classifica os gêneros jornalísticos em duas modalidades: o relato dos fatos e os comentários que servem para expor idéias. Segundo o autor, em um jornal impresso podemos encontrar quatro gêneros diferentes, cada um com sua técnica própria de trabalho: notícias ou relatos de fatos; comentários (os artigos que servem para desenvolver determinadas idéias); fotografias; anúncios.

Já Marques de Melo (1985) adota dois critérios para a classificação:

- 1) Agrupando os gêneros em categorias que correspondem à intencionalidade. Neste grupo, o autor aponta duas vertentes. A primeira é a reprodução do real, descrevendo o real jornalisticamente a partir de dois parâmetros: o atual e o novo. A segunda vertente é a leitura do real, identificando o valor do atual e do novo nos processos jornalísticos;
- 2) Buscando identificar os gêneros a partir da natureza estrutural dos relatos observáveis nos processos jornalísticos. Marques de Melo (1985) explica: “Tomamos em consideração a articulação que existe do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura)” (p. 48).

O autor classifica os gêneros jornalísticos, portanto, em duas categorias: jornalismo informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista) e jornalismo opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura, carta).

Especificamente no campo da radiofonia, Cordier (1950) classifica os gêneros em três grandes vertentes: 1.As vozes; 2.Os sons; 3. A música. O autor diz:

Nós temos dito que não existe uma real teoria do rádio. Na prática, na exploração dos meios que dão à comunicação radiofônica sua característica própria, certas regras são pouco a pouco estabelecidas; mas algumas dentre elas são perfeitamente contestadas: aqui, ainda, é preciso fazer uma grande ligação com o empirismo. Para separar os gêneros (diferentes tipos de emissões) e os estilos (na concepção e na

interpretação) é necessário fazer uma classificação metódica. Nós seguiremos a ordem: as vozes, os sons, a música e veremos, assim, o que resulta de suas associações (p.29).

Já Albertos (1977) traça duas modalidades da informação radiofônica com base na obra de Ángel Faus – *La radio; introducción al estudio de un medio desconocido*: 1. Variedades puras: o flash, o boletim e o boletim resumido; 2. Modalidades mistas: o boletim principal (o radiojornal) e a revista jornalística. Howard *et al.* (1994) distinguem três formatos de programação no rádio: formatos baseados em música; formatos baseados em informação (modelos *all news*, *talk-radio* ou *news-talk*) e formatos especiais.

Talvez o trabalho mais completo sobre o tema esteja no livro *Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio*. Na obra, André Barbosa Filho (2003) traça uma ampla caracterização dos gêneros jornalísticos no rádio. É a seguinte a nomenclatura do autor:

1. Gênero jornalístico: nota, notícia, boletim, reportagem, entrevista, comentário, editorial, crônica, radiojornal, documentário jornalístico, mesas-redondas ou debates, programa policial, programa esportivo, divulgação tecnocientífica;
2. Gênero educativo-cultural: programa instrucional, audiobiografia, documentário educativo-cultural, programa temático;
3. Gênero de entretenimento: programa musical, programação musical, programa ficcional, programete artístico, evento artístico, programa interativo de entretenimento;
4. Gênero publicitário: spot, jingle, testemunhal, peça de promoção;
5. Gênero propagandístico: peça radiofônica de ação pública, programas eleitorais, programa religioso;
6. Gênero de serviço: notas de utilidade pública, programete de serviço, programa de serviço;
7. Gênero especial: programa infantil, programa de variedades.

II. AS CONDIÇÕES LINGUAGEIRAS DE PRODUÇÃO

Charaudeau (1984) abre seu texto sobre a entrevista discutindo a natureza da transmissão radiofônica, considerando que o canal da oralidade não permite que as interações se transformem num simples encontro face-a-face. Goffman (1998) explica que a interação face-a-face tem seus próprios regulamentos, seus próprios processos e sua própria estrutura, e diz que estes não parecem ser de natureza intrinsecamente



lingüística, mesmo que freqüentemente expressos por um meio lingüístico. Thompson (1998) distingue três tipos de interação: a interação face-a-face, a interação mediada (implica no uso de um meio técnico: cartas, conversas telefônicas, etc.) e a quase-interação mediada (relações sociais estabelecidas por meios de comunicação de massa). Assim, no rádio, acontece a quase-interação mediada, com as formas simbólicas sendo produzidas para um número indefinido de receptores potenciais (THOMPSON, 1998).

Sherwood (1981) diz que as informações essenciais da entrevista vêm diretamente desse encontro face-a-face. Nessa relação face-a-face no rádio, Barbeiro e Lima (2001) explicam como o entrevistador deve agir: “Olhe nos olhos do entrevistado. Considere o que não está sendo dito, observe o semblante das pessoas” (p.50). Goodwin (1981) explica que esse olhar presente numa interação poderia ser chamado de signo não-verbal da conversação, com status de ato social, pois quem não está com o turno da fala pode interagir apenas com o olhar, funcionando como importante meio de expressão. Na entrevista no rádio Goffman (1981) lembra:

Os locutores devem ter em mente o perfil de seus ouvintes e dirigir-se a eles como se estivessem fisicamente presentes através do olhar, corpo, tom de voz. No sentido fundamental, então, a radiodifusão (seja dando notícias, fazendo um comunicado político ou o que quer que seja) envolve uma conversa auto-construída projetada sob a demanda, o olhar e a receptividade dos ouvintes (p.241).

No texto, Charaudeau (1984) traça uma distinção entre entrevista, debate e conversa usando como critério a organização da distribuição da palavra, de modo que as sobreposições sejam evitadas. Tannen (1994) lembra que é importante fazer a distinção entre sobreposição e interrupção, levando-se em conta o contexto, os estilos dos interagentes e a interação entre tais estilos. A autora explica que a interrupção é um exercício de controle social e de dominância - um signo da dominação - e, se um falante interrompe o outro numa interação, há claramente aí uma relação de poder envolvida. West e Zimmermam *apud* Tannen (1994) explicam que, numa interação, a sobreposição acontece quando um segundo falante começa a falar no momento que seria o lugar de transição. Xavier (1998) explica que “a comunicação pelo rádio é, de fato, um evento verbal interativo, pois comunicador e audiência executam entre si, cada um dentro do seu espaço, ações consecutivas, relacionadas e sequencialmente coerentes, ainda que não simultaneamente” (p.02).

Charaudeau (1984) diz que devem ser evitados os silêncios e os tempos mortos durante uma entrevista. Para West e Zimmermam *apud* Tannen (1994), o silêncio é um

recurso para exercer dominação. Já Tannen (1994) explica que é a própria interação que define os significados presentes do silêncio. Para a autora, aqueles que se sentem desconfortáveis com o silêncio e, ao mesmo tempo, consideram que o outro já não tem mais nada a dizer, tendem a falar de forma a tornar a interação mais agradável e mais leve. Já para aquele que ainda tem algo a dizer, mas aguarda um sinal de que já pode iniciar sua fala, pode percebê-lo como tentativa de dominação e intromissão.

Charaudeau (1984) fala do encontro entre os dois interlocutores no rádio – entrevistador e entrevistado. A singularidade deste encontro - e do discurso utilizado por ambos - remete à fala de Jakobson (1971), quando diz: “como sabemos muito bem, uma das tarefas essenciais da linguagem é vencer o espaço, abolir a distância, criar uma continuidade espacial, encontrar e estabelecer uma linguagem comum através das ondas” (p.24). O autor discute também a participação do ouvinte nesse encontro, a partir da percepção do diálogo entre os dois interlocutores. Charaudeau (1984) propõe uma interessante triangulação na entrevista radiofônica a partir dos três protagonistas: a presença física de entrevistador e entrevistado e o ouvinte, que funciona como testemunha desse encontro, estando ausente/presente. Essa triangulação proposta por Charaudeau (1984) é referendada por Goffman (1981), que distingue três modos de fala no rádio: a simultânea, com o locutor sustentando com a sua audiência algo semelhante a um encontro subordinado; a triangular, com o locutor mantendo uma conversa no estúdio enquanto o ouvinte é tratado como um participante ratificado, apesar de não poder assumir o papel de falar; e a direta, quando o locutor fala diretamente com o público, tratando cada ouvinte como se ele fosse o único. Essa instituição do ouvinte como testemunha é explicada por Goffman (1998):

Muito do que se passa na fala de rádio e TV é dirigido a interlocutores imaginados. Na verdade, os comunicadores são pressionados a modular suas falas como se elas fossem dirigidas a um único ouvinte. Muitas vezes, portanto, a fala retransmitida envolve um modo conversacional de direcionamento da palavra, mas é claro que é um modo meramente simulado, não estando os interlocutores indispensáveis presentes ao vivo para evocá-lo. E assim sendo, uma fala retransmitida pode ter uma platéia ao vivo e uma platéia por retransmissão, tendo o falante que moldar sua projeção primordialmente ora para uma, ora para a outra (p.82).

III. CARACTERÍSTICAS DISCURSIVAS DO GÊNERO ENTREVISTA

3.1 O papel do entrevistador

Charaudeau (1984) abre esse tópico discutindo o papel do entrevistador, que faz um jogo baseado em “fazer dizer/ fazer crer/ sabe mais”, sendo o mestre que conduz o

questionamento. Como possui o *status* superior, o locutor é quem comanda a abertura e o encerramento das interações e é ele quem abre e fecha a conversação, concedendo/retirando o espaço para quem quer falar no rádio. Segundo Tannen (1994), o interlocutor que abre com mais frequência os tópicos da fala possui a intenção de ter o domínio na interação. Apesar de possuir esse papel superior, muitas vezes pode haver um embate dialogal entre entrevistador/entrevistado, mas é o locutor quem impõe a significação.

Heritage (1985) explica que, enquanto nas conversas cotidianas os papéis de questionador e respondedor podem mudar entre os falantes, nas entrevistas no rádio esses papéis são previamente estabelecidos: alguns participantes fazem perguntas, outros respondem. O autor lembra ainda que o papel do entrevistador consiste em levantar informação, mas não julgar sua adequação, mantendo uma postura de neutralidade. Wilby e Conroy (1994) dizem que, dependendo do status conferido pelo entrevistador ao entrevistado, o tom do diálogo pode ser amigável, no qual ambos os falantes parecem compartilhar perspectivas semelhantes sobre o tópico em questão; ou um debate no qual o entrevistador desafia a posição representada pelo entrevistado.

Moss e Higgins (1984) falam de um jogo de poder, ao determinar as diferenças entre as entrevistas realizadas por um locutor de rádio com um entrevistado e com um ouvinte. Com o entrevistado, o locutor manifesta predileção evitando interrupções, contradições ou sobreposições, encorajando-o a desenvolver sua fala, demonstrando cumplicidade e apoio. Nas conversas por telefone entre o locutor e um ouvinte, não há necessidade de demonstrar predileção, pois o ouvinte é anônimo, não tem *status*. O locutor, dessa forma, formula apenas respostas mostrando que está ouvindo, não manifestando interesse em confirmar ou negar a opinião. Xavier (1998) diz que, permeando o dizer do comunicador do rádio, “há todo um fazer linguístico que privilegia determinados elementos da oralidade, âncoras do seu discurso, tais como as várias repetições, a alta frequência dos marcadores conversacionais e as marcas caracterizadoras da busca pelo envolvimento do ouvinte no evento” (p.02). Heritage (1985) explica que, para manter um posicionamento neutro, o entrevistador se utiliza do recurso da formulação que envolve resumo, interpretação ou desenvolvimento do ponto principal das declarações do informante.

No texto, Charaudeau (1984) discute o papel do entrevistador do rádio como herói, afirmando que ele deve reatualizar esse papel. Numa perspectiva sociológica, pode-se tomar a teoria de Georg Simmel acerca do tema. No livro

***Estudios sobre las formas de socialización*⁵, o autor explica que toda relação entre pessoas faz nascer em cada uma a imagem da outra, imagem que está evidentemente em ação recíproca com aquela relação real. Segundo o texto simmeliano, saber com quem se relaciona é a primeira condição para se relacionar com alguém. A programação do rádio desenvolve seu trabalho a partir da instância mítica, assim, o comunicador do rádio acaba tendo essa imagem de herói diante de seu público. Veyne (1984) explica que a essência de um mito não é a de ser conhecido por todos, “mas de ser considerado como se o fosse, e digno de sê-lo” (p.57).**

O endeusamento, o sucesso e a fama dos comunicadores do rádio são pilares importantes na construção da audiência, nem que para isso seja preciso transformá-los em personagens. No livro *A experiência da fama*, Cláudia Coelho explica: “a fama permite a criação de uma espécie de personagem permanente. O ídolo precisa ter certas características que o distanciam dos simples mortais. Ele tem que ser alguém com habilidades extraordinárias” (COELHO, *apud* SOALHEIRO e FINOTTI, 2004:50). Nessa discussão, é pertinente o resgate do conceito de “olimpiano” proposto por Morin (1982). Segundo o autor, os olímpianos têm dupla natureza – divina e humana e, por meio dela, efetuam a circulação permanente entre o mundo da projeção e o mundo da identificação. De acordo com Morin (1982), os olímpianos “realizam os fantasmas que os mortais não podem realizar” (p.104). Podemos ainda tomar por empréstimo a discussão de Umberto Eco (2000), quando escreve sobre o *Superman* e fala da ambigüidade do mito: ele é super e é homem ao mesmo tempo. Erbolato (1984) também fala dessa dubiedade quando diz: “O locutor é um semipoderoso profissional, cuja voz chega às populações e passa a orientá-las” (p.81).

Por fim, uma discussão que merece ser levantada acerca do entrevistador é sobre a voz de quem fala no rádio. Como afirma Charaudeau (1997), a voz é a principal característica que dá suporte ao rádio e instaura uma relação muito particular entre a instância midiática e o receptor. Segundo o autor, o casamento dessas duas características, situação dialogal e relação de intimidade, explica porque a mídia rádio é por excelência aquela da entrevista. Charaudeau (1997) diz:

O rádio é essencialmente a voz, os sons, a música, e é esse conjunto que o inscreve em uma tradição oral, mais marcada ainda se não o acompanha nenhuma imagem, nenhuma representação figurada dos

⁵ SIMMEL, Georg. *Estudios sobre las formas de socialización*. Madrid: Alianza Editorial, 1986, vol. 1.

locutores nem de objetos que produzam vozes ou sons. A magia particular do rádio se deve a essa ausência de encarnação e essa onipresença de uma voz pura. A voz – timbre, entonação, intenção – revela o estado de espírito daquele que fala. Assim ele poderá parecer forte ou fraco, autoritário ou submisso, emotivo ou controlado, frio ou emocionado, tudo isso com que jogam os políticos e profissionais da mídia (p.119).

Barthes (1982) afirma que “toda a relação com uma voz é forçosamente amorosa” (p.226). Paiva (1997) lembra que existe um sentimento de identificação entre o ouvinte e a voz da pessoa do rádio, com a fala substituindo os olhos daquele que o escuta. Com esta comunhão de identificações, a autora diz que “a relação rádio-ouvinte constrói no emocional um compartilhamento, um espaço singular de relações” (p.553). Assim, o rádio atinge os ouvintes em sua intimidade e “permite falar de um ato comunicativo de natureza relacional no qual o radialista e o ouvinte compartilham um mesmo universo de sentido” (p.554). É o que a autora chama de um sentir comum, por uma proximidade que designa uma forma de intimidade. Nunes (1993) fala da existência de um universo significante moldado a partir da voz: “a voz e a palavra constroem textos escritos/oralizados que veiculam signos míticos aptos a ritualizar a escuta radiofônica” (p.25).

3.2 O papel do entrevistado

Charaudeau (1984) define o entrevistado como um “respondedor”, legitimado pelo fato de estar na cena das mídias. É interessante observar que o autor confere ao entrevistado a possibilidade de subverter a ordem natural da entrevista, encontrando formas de ser beneficiado no jogo da conversação. Sampaio (1971) explica que o entrevistado deve estar sempre em primeiro plano, pois representa o fato. E lembra que as intervenções do entrevistador a esse primeiro plano têm vários significados, como “vedetismo, impertinência e muitas vezes revela, fugindo da análise puramente radiojornalística, ignorância e má educação” (p.68).

Chantler e Harris (1998) afirmam que o entrevistado possui uma linguagem corporal que deve ser observada pelo entrevistador do rádio, pois pode revelar seu estado de espírito. Segundo os autores, “braços cruzados podem ser um sinal de que ele está se defendendo; torcer as mãos, cruzar as pernas ou tamborilar com os dedos podem revelar vários estados de tensão” (p.104).



3.3 Características discursivas do gênero entrevista

Charaudeau (1984) apresenta, por fim, três características discursivas do gênero entrevista: a intervenção, a prova do saber e a provocação. Nesse tópico, vamos retomar algumas discussões propostas pela Análise do Discurso, para tentar se entender como funciona a entrevista no rádio.

Uma primeira discussão é a respeito das estratégias de polidez que as pessoas usam numa interação, com o objetivo de preservar sua imagem perante as outras. Brown e Levinson (1978) explicam que as pessoas têm uma auto-imagem pública – que os autores chama de face - que desejam mostrar e preservar diante das outras. Esta face deve ser resguardada pelas estratégias de cortesia na interação, pois é vulnerável. São várias as estratégias elencadas pelos autores como forma de evitar atos que ameacem a própria face e até a do interlocutor, numa manutenção mútua destas imagens. Brown e Levinson (1978) explicam que existem no mínimo quatro faces numa interlocução, isto é, uma positiva e uma negativa de cada um dos participantes da interação. Lakoff (1973) propõe quatro regras de conversação: 1. Quantidade: seja tão informativo quanto exigido; 2. Qualidade: diga apenas o que você acredita ser verdade; 3. Relevância: seja pertinente; 4. Atitude: Seja claro, seja sucinto, não seja ambíguo, não seja obscuro,.

Também nessa discussão sobre interação é pertinente o conceito de enquadre proposto por Goffman (1974). Segundo o autor, o enquadre formula a metagemagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem. Goffman (1974) explica que, em qualquer encontro face-a-face, os participantes introduzem ou mantêm enquadres de forma permanente, de forma a organizar o discurso e os orientar com relação à situação interacional.

Sacks, Schegloff e Jefferson (1978), descrevem um modelo de regras que propõe uma forma organizada de manter uma conversa. Assim, de acordo com os autores, as pessoas que fazem parte de um sistema sociolinguístico podem interagir de maneira ordenada umas com as outras, de modo que possam falar cada uma em seu turno.

Charaudeau (1984) propõe que a intervenção é uma atividade de linguagem que pode ser definida pelos efeitos: interrupção da palavra do outro, reprise da palavra e abertura de uma tomada de posição. Maingueneau (2000) explica que a intervenção é “cada contribuição de um locutor numa interação” (p.89). Acerca da intervenção, Charaudeau (1984) destaca a importância dos conectores no encadeamento entre os turnos da fala. Os conectores são também chamados de operadores ou encadeadores de



discurso; ao introduzirem um enunciado, os conectores determinam-lhe também a orientação argumentativa.

Ao atribuir ao entrevistador o papel determinante das marcas discursivas do gênero entrevista – intervenção, prova do saber e provocação – Charaudeau (1984) concede-lhe o status superior nesse tipo de interação. Algumas reflexões do autor mostram bem isso, ao discutir, por exemplo, as suas formas de fechamento de seqüências, a capacidade do locutor de produzir ganchos para o entrevistado, a demonstração do saber e do pertencer aos círculos sociais ligados ao poder e as maneiras de utilização da provocação.

Referências bibliográficas

- ALBERTOS, José Luís Martínez. *El mensaje informativo*. Barcelona: ATE, 1977.
_____. *Redacción periodística – los estilos y los generos en la prensa escrita*. Barcelona: ATE, 1974.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo. *Manual de Radiojornalismo – Produção, Ética e Internet*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2001.
- BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos – os formatos e os programas em áudio*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Lisboa: Edições 70, 1982.
- BHATIA, Vijay K. *Genre analysis today*. In: *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*, Bruxelles, 1997.
- BROWN, P. & LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. In: JAWORSKI, A. & COUPLAND, N. (Eds.). *The discourse reader*. London & New York: Routledge, 1978.
- CHANTLER, Paul e HARRIS, Sim. *Radiojornalismo*. São Paulo: Summus, 1998.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Aspects du discours radiophonique*. Paris: Didier Érudition, 1984.
_____. *Le discours d'information médiatique: la construction du miroir social*. Paris: Nathan, 1997.
- CORDIER, S. *La radio – reflet de notre temps*. Paris: Les Éditions Inter-Nationales, 1950.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- ERBOLATO, Mário L. e BARBOSA, Júlio César T. *Comunicação e Cotidiano*. Campinas: Papyrus, 1984.
- GOFFMAN, Erving. *Footing*. In RIBEIRO, Branca & GARCEZ, Pedro (org.) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: Editora Age, 1998.
_____. *Forms of Talk*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
_____. *Frame analysis – An essay on the organization of experience*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press, 1974.
- GOODWIN, Charles. *Conversational organization: interaction between speakers and hearers*. New York: Academic Press, 1981.
- HERITAGE, J. *Analysing news interviews: aspects of the production of talk for an overhearing audience*. In: VAN DIJK, Teun. *Handbook of Discourse Analysis*. London: Academic Press, 1984.
- HOWARD, Herbert H. et al. *Radio, TV, and Cable Programming*. Tennessee: Iwo State University press, 1994.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- LAKOFF, R. *The Logic of Politeness; of, Minding Your p's and q's, Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, Department of Linguistics, University of Chicago, Chicago IL, 1973.



- LIDDICOAT, A. *et al.* *Presenting a point of view: Caller's contributions to talkback radio in Australia.* Journal of Pragmatics, v. 22, nº 2, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *A questão do suporte dos gêneros textuais.* Projeto Integrado: “Fala e Escrita: Características e Usos”, em andamento no NELFE (Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e Escrita), Departamento de Letras da UFPE, 2003.
- MARQUES DE MELO, José. *A opinião no jornalismo brasileiro.* Petrópolis: Vozes, 1985.
- MCLEISH, Robert. *Produção de Rádio – um guia abrangente de produção radiofônica.* São Paulo: Summus, 2001.
- MEDINA, Cremilda. *Entrevista.* In: MARQUES DE MELO (org.). *Gêneros jornalísticos na Folha de S.Paulo.* São Paulo: FTD, 1992.
- MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX.* Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- MOSS, P. & HIGGINS, C. *Radio Voices.* Media Culture & Society, v.6, 1984.
- NUNES, Mônica Rebecca Ferrari. *O mito no rádio – a voz e os signos de renovação periódica.* São Paulo: Annablume, 1993.
- PAIVA, Vanessa. *A mensagem radiofônica: o acontecimento (re)significado.* In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). *O Jornal.* Brasília: Paralelo 15, 1997.
- PRADO, Emílio. *Estrutura da informação radiofônica.* São Paulo: Summus, 1989.
- SACKS, H; SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. *A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation.* In: *Studies in the organization of conversation interaction.* New York: Academic Press, 1978.
- SAMPAIO, Walter. *Jornalismo audiovisual – Rádio, TV e Cinema.* Petrópolis: Vozes, 1971.
- SHERWOOD, Hugh. *A entrevista jornalística.* São Paulo: Mosaico, 1981.
- SIMMEL, Georg. *Sociología. Estudios sobre las formas de socialización.* Madrid: Alianza Editorial, 1986, vol. 1.
- SOALHEIRO, Bárbara e FINOTTI, Ivan. *Peão do Pop.* Revista Superinteressante. Edição 198, março de 2004.
- SWALES, J.M. *Genre Analysis.* Cambridge: University Press, 1990.
- TANNEN, Deborah. *Gender and Discourse.* New York, Oxford: Oxford University Press, 1994.
- THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade.* Petrópolis: Vozes, 1998.
- TRAMONTINA, Carlos. *Entrevista. A arte e as histórias dos maiores entrevistadores da televisão brasileira.* São Paulo: Globo, 1996.
- VEYNE, Paul. *Acreditavam os deuses em seus mitos?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- WILBY, Pete & CONROY, Andy. *The radio handbook.* London/New York: Routledge: 1994.
- XAVIER, Antônio Carlos. *Interação pelo rádio: monólogo ou conversação?* Anais do Congresso da Intercom, GT de Rádio, 1998.

Agradecimentos: Adélia Barroso, Jader de Oliveira, Marilene Pavão e Virgínia Palmerston